NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 123 MARÇO DE 1955

A QUESTÃO SOCIAL ENTRE AS CONFISSÕES PROTESTANTES — P. A. Jorge 77

I CONGRESSO NACIONAL DA J. O. C. / J. O. C. F. 82

O SIGNIFICADO RELIGIOSO DA MÚSICA DE BEETHOVEN — M. Ponces de Carvalho 89

O PROFETA JEREMIAS — Gomes Marques 97

PANORAMA — Actualizações da Liturgia 104

— Um Monge canta a Maria 106

— Uma «cidade dos rapazes» na Itália 106

— A Igreja e o problema da habitação 107

OBRAS
DE GRANDE UTILIDADE

Os dons de Deus
cédula de vida religiosa

Saíu nova edição desta magnífica cédula, com 11 gravuras em fotolitografia a cores.

1$50

O Santo Baptismo

Utilíssimo folheto sobre as cerimónias do Santo Baptismo, para que os fiéis as sigam com inteira compreensão

Edição grande . . . . 2$50
Edição pequena . . . . 1$00

A Confirmação

Folheto com a explicação do Sacramento e o Ritual. Óptimo para as cerimónias da administração do Crisma.

2$50

A Missa - Memorial do Senhor

O primeiro Missal concebido, na nossa língua, para iniciação progressiva das crianças nos textos da SANTA MISSA.

De 12$50 a 62$50

Só o Ordinário da MISSA 2$50

EDIÇÕES DA **SET**

SET - Sociedade Editorial «O TRABALHADOR»

Rua António Maria Cardoso, 68 — LISBOA — Telef. 35356

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINARIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

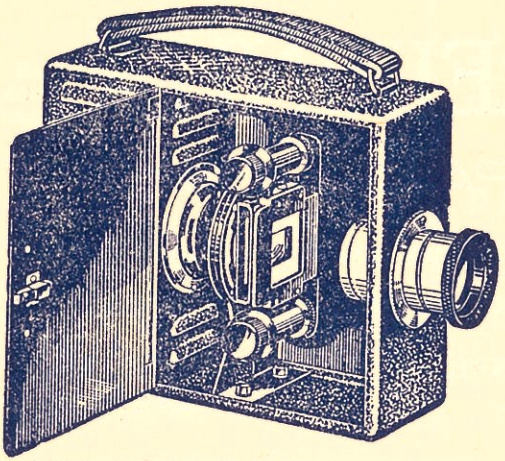
PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

EX.MOS PÁROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS

Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º **LISBOA**

A QUESTÃO SOCIAL ENTRE AS CONFISSÕES PROTESTANTES

Vistas as coisas sob o aspecto meramente humano, logo à primeira se descortina como a Igreja Católica numa situação privilegiada para possuir uma doutrinação eficaz no campo do social.

De modo algum ela pode arrogar-se o exclusivo ou o monopólio de tais intervenções e directivas. Está em jogo a moral natural, pertença do património comum da humanidade. Onde houver defesa do homem, por mais diversa e inesperada que seja a origem do interesse, aí haverá progresso social. Luta pela cultura, pela elevação do nível de vida, pelo estreitamento das relações entre os povos e entre as várias classes sociais, muito a têm levado, fora do cristianismo, simplesmente em nome da dignidade humana.

Fica de fora, é evidente, o saber em que medida a Igreja Católica, no cumprimento da sua missão sobrenatural, é suporte e amparo deste património comum, fica de fora a repercussão social do Evangelho, o seu papel único e inigualável no encaminhar a evolução da sociedade ocidental.

Em visão sumária da questão social entre as confissões protestantes, vamos considerar as religiões como meros fenómenos sociológicos, abstraindo do lugar especialíssimo da Igreja Católica, a única que continua na legítima sucessão dos Apóstolos, a única que possui a plenitude da verdade. Mas se possui a verdade em plenitude, as outras confissões religiosas possuirão parcelas maiores ou menores consoante viverem mais ou menos afastadas de Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Começaremos por analisar a existência de uma orientação social, sejam muito embora as soluções falsas ou deficientes, e em seguida a qualidade de tais directivas.

Para o aparecimento de qualquer doutrinação social, parecem-me essenciais: estructura hierárquica com uma voz autorizada e consciência da interpenetração dos factores religioso e social. As duas condições têm de coexistir. A segunda motiva o aparecimento da doutrinação, a primeira garante-lhe possibilidade de eficácia pelo seu acatamento.

Todo o sistema religioso procura, essencialmente, a ligação entre o

homem e Deus e não tem em vista, imediatamente, a organização da cidade terrestre. No entanto, não pode ficar indiferente perante os esforços dos organizadores, porque o mesmo sujeito é solicitado pela necessidade religiosa e pela necessidade social.

Sem esta consciência da missão do religioso no temporal, missão indirecta, mas bem real e eficaz, não podem surgir as tentativas de doutrinação. Mas não é suficiente, para a viabilidade das soluções. Coexistindo em campo único, os dois factores têm de distinguir-se lùcidamente. Autonomia de cada qual na sua esfera própria, interpenetração de ambos, em terreno comum. O esquecimento desta norma ditou muitas vezes a absorção do religioso pelo social, e vice-versa, sempre em prejuízo de ambos. Exemplos sem conta nos poderia apresentar a História, a de ontem como a do momento que passa.

Em princípio, e seguindo em coerência na linha do livre exame, não existe, entre as várias confissões protestantes, uma voz autorizada. Ainda que a tivessem, correria ela o risco de não ser obedecida, uma vez que cada fiel entende ser ele, em última instância, o árbitro das verdades a crer.

Notável a confissão insuspeita do romancista e sociólogo sul-africano Alan Paton, Campeão do anti-racismo no seu país e autor celebrado do romance «*Cry, the beloved country*». Analisando a acção de cada uma das várias confissões religiosas norte-americanas em favor da sorte dos negros escrevia no COLLIERS: «Parece-me que, de todas as grandes Igrejas da América, é a Igreja Católica aquela que, no curso dos últimos anos, se mostrou mais disposta a obedecer à vontade de Deus. ...É verdade que neste ponto, a Igreja Católica tem vantagem sobre as outras Igrejas porque possui hierarquia uma que governa e a disciplina dos fiéis é muito superior». (Cit. em «L'Actualité réligieuse dans le monde», n.º 40 (15-XI-54).

A ausência de um princípio orientador, de uma palavra definitiva, pode conduzir as soluções contraditórias. Daí a divergência de soluções.

O conhecido Dr. Malan, da África do Sul, pertence à Igreja Reformada Holandesa. Não sei até que ponto as convicções religiosas lhe orientaram a acção política. O certo é que o seu governo empreendeu uma luta de extermínio contra os negros, aliás os legítimos possuidores do território. E em nome da Bíblia, os boers, descendentes dos primeiros

holandeses que ali vieram instalar-se há quatro séculos, são a Raça Eleita, o Povo escolhido. Os indígenas, a raça maldita que é necessário exterminar, para não contaminarem a virtude e a respeitabilidade dos brancos.

Até aqui, pouco há de extraordinário. De opressão está cheia a história do colonialismo. Mas é lamentável que toda esta política seja oficialmente aprovada pela Igreja Reformada Holandesa, na voz dos seus mentores.

Graças a Deus, as outras Confissões Reformadas preocuparam-se mais com a verdade. Desde o início a Igreja Anglicana se tem oposto com violência às medidas racistas do Governo. Há bem pouco tempo, declarava o Arcebispo Anglicano de Johannesburgo, em resposta a uma lei governamental que ameaçava o encerramento das igrejas cujos pastores se opunham à malfadada política do *Apartheid:* «Nós não temos outra coisa a fazer senão proclamar a verdade tal como Deus nos permite conhecê-la... *ainda que os nossos templos venham a ser fechados pelo Estado*». (Cit. em «L'Actualité...», n.º 40).

Já em anterior declaração colectiva os Bispos Anglicanos tinham afirmado: «Nós acreditamos que a única política nacional defensável é a que dá a todos os grupos raciais as máximas possibilidades de desenvolvimento. Nós defendemos que é moralmente mau prosseguir numa política que mantenha um grupo racial, seja ele qual for, em permanente situação de inferioridade, e cremos que a discriminação racial, tal como é praticada neste país, não conduz a outra coisa.

...Não é justo que as possibilidades do homem sejam determinadas pela sua origem racial e não pelo seu carácter ou pela sua capacidade. Agir desta maneira só pode conduzir a um sistema de castas contra o qual a Igreja sempre protestou.

...E estas afirmações derivam da doutrina cristã do homem, tal como nos foi revelada pelos ensinamentos e pela vida de Nosso Senhor, que recomendamos ao estudo de todos os que acreditam que no exemplo e nas palavras de Jesus está a chave de toda a política nacional como de todo o comportamento dos indivíduos». (Cit. em «L'Actualité», n. 17 1-XII-53).

Se estas intervenções contraditórias revelam a extrema variedade de orientação, surpreende-nos por outro lado a posição da Igreja Anglicana que, consciente e de pé firme, não receia a perseguição pela verdade.

Atitudes destas nem sempre as temos visto entre as Confissões Protestantes.

Sempre que os homens procuram um apoio temporal. correm o perigo de adulterar a verdade que pregam, quando em desacordo com a vida e os princípios de que servem de esteio. É da História a concessão de Lutero a Filipe de Hessen para ter duas esposas, simultâneamente. Filipe de Hessen era seu amigo e protector... Mas também Henrique VIII era amigo e defensor da fé católica, recebera o incitamento e as bênçãos da Santa Sé. Quis tomar idêntica pretensão e sabemos como Roma não condescendeu...

Muitos dos Congressos das Igrejas Protestantes oferecem com frequência espectáculo pouco abonador. As decisões ora se dobram à opinião pública, ora se dobram à autoridade despótica de hábeis políticos, no fim de contas, sempre sujeição a qualquer coisa, que não à Verdade, a Nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso nos desolam, por exemplo os decretos e opiniões sobre o *birth-control,* ou a posição oficial da Igreja Luterana Sueca sobre o divórcio. Ficamos com a impressão de que todos se preocupam em não atemorizar os fiéis em demasia, não lhes mostrando a verdade em todas as suas exigências, a verdade do Evangelho que tanto apregoam.

Estiolando-se a vitalidade sobrenatural que se recebe de Cristo, — Cabeça da Igreja, os nossos irmãos protestantes cedo entraram no esquecimento do sentido da dignidade humana. Reduzindo a religião a mera atitude individual, cortaram-lhe a repercussão que, por direito, deve ter na sociedade... Mesmo alguns críticos chegam a apontar este clima de individualismo desenfreado como berço da actual organização económica do Ocidente, injusta porque anti-humana.

Mas porventura sob o benéfico influxo do Catolicismo, no nosso século iniciaram os Protestantes o necessário confronto dos valores religiosos com as realidades sociais.

A 2.ª Assembleia do Concelho Ecuménico das Igrejas, realizadas em Evanston, arredores de Chicago, no último verão, trouxe novidades no que toca ao confronto da fé com as realidades do mundo moderno. Estavam reunidos 1500 representantes oficiais de 161 Igrejas. Surpreenderam-nos agradàvelmente as palavras do Bispo Bromley Oxnam, na cerimónia religiosa da inauguração:

«Os cristãos têm de viver o Evangelho social na vida quotidiana.

...Eu nunca gostei da expressão *Evangelho individual* e *Evangelho social.* O Evangelho é só um, o Evangelho na sua totalidade, mensagem de salvação para o indivíduo e para a sociedade.

...Os chefes cristãos estão decididos a trabalhar em conjunto em favor da justiça. ...Nós não temos o direito de assimilar o Evangelho de Jesus Cristo a qualquer sistema político, económico ou social da História.

...Eu afirmo que Jesus Cristo é chamado a reinar sobre todos os reis da terra». Cit. em «L'Actualité», n.º 36, 15-IX-54)

A preparar a Assembleia, reuniram-se em sessões de estudo seis comissões preparatórias, entre elas algumas ocupadas com as questões sociais, as questões raciais e os negócios internacionais. Um dos problemas debatidos era o da legitimidade da bomba de hidrogénio.

Em conclusão, verifica-se entre as Confissões Protestantes, à medida que se aproxima da estrutura e da vitalidade sociológica da Igreja Católica, um aumento de vida interior e um retorno acentuado ao espírito das intervenções constantes dos últimos Papas na questão social.

À medida que tal se realiza, centralizando o governo, vão-se abrindo os olhos para as necessidades do nosso mundo, começa a procurar-se uma palavra para os problemas novos que vão surgindo, aparece a preocupação do homem. No fim de contas, porque há também a preocupação de Deus.

P. A. JORGE

I CONGRESSO NACIONAL DA J. O. C. / J. O. C. F. [1]

Vai realizar-se em Abril o I Congresso Jocista. Pela primeira vez na história da juventude trabalhadora de Portugal, mil rapazes e raparigas, que ganham o seu pão na fábrica, na oficina ou no escritório, vão debruçar-se sobre os seus próprios problemas durante uma Semana de Estudos, em Lisboa.

Gente nova, da mesma estirpe trabalhadora, aos milhares, vai a Fátima, em autêntica romagem de fé e sacrifício, implorar à Mãe do Divino Operário de Nazaré a protecção divina para a juventude trabalhadora.

Na Semana de Estudos, rapazes e raparigas, ligados pelo mesmo ideal e unidos na mesma luta de salvação, vão estudar e analisar os problemas que afligem dia a dia, na família, no trabalho e na vida social, os jovens trabalhadores no intuito de encontrarem para eles uma solução adequada, inspirada nos ensinamentos da Igreja e do Evangelho.

Em Fátima milhares de jovens operários vão pedir auxílio e protecção àquela Virgem, que, na Casa de Nazaré, viveu os problemas operários e conheceu os nossos anseios e aspirações, na convicção de que o homem, só por si, é incapaz de encontrar o caminho da verdade, da paz e da justiça social.

Assim, os jovens operários de Portugal vão afirmar colectiva e pùblicamente:

— que não querem, nem podem ficar indiferentes aos problemas da sua vida, sejam eles religiosos, morais ou sociais;

— que estão decididos a assumir as suas verdadeiras responsabilidades sociais e apostólicas;

— que querem contribuir, eficaz e decididamente, para a renovação social e espiritual da classe trabalhadora.

---

(1) Extracto do que se tem escrito na Imprensa Jocista.

A J. O. C. UM MOVIMENTO NECESSÁRIO

A J. O. C. é um movimento organizado de jovens trabalhadores que em fiel submissão à hierarquia tem por fim primário reconduzir cada jovem trabalhador à Igreja e a Cristo.

Toda a acção da J. O. C., organização, serviços, campanhas e realizações hão-de forçosamente tender para aquele fim, isto é, para a realização total da missão que lhe está confiada.

Por isso a J. O. C. não pode alhear-se da situação real dos jovens trabalhadores ou cruzar os braços perante os seus problemas.

Ao contrário, é seu dever preocupar-se sèriamente com a situação da juventude trabalhadora, ajudando-a a encontrar o seu verdadeiro caminho, a realizar totalmente e sem perda de tempo o seu destino temporal e eterno.

A J. O. C. em Portugal, está prestes a atingir a maioridade pelo que não pode conduzir-se como quando dava os seus primeiros passos.

Ao longo da sua existência, através de todas as suas actividades, de toda a sua vida de ascensão permanente, a J. O. C. formou verdadeiro escol de operários que são hoje, sem presunção pode afirmar-se, o melhor testemunho e a mais convincente prova do valor apostólico e a capacidade educativa do Movimento.

A J. O. C. TEM RESPONSABILIDADES

O vigésimo aniversário exige da J. O. C. atitudes e actividades que não lhe eram possíveis nem eram oportunas noutros períodos da sua existência. Proceder de outra forma seria ignorar o avanço que mercê dos esforços precedentes se verificou e desconhecer as actuais possibilidades do Movimento.

Compreende-se que a J. O. C. não deve comportar-se em 1955 exactamente como em 1945 ou 1950.

A mudança evidentemente não pode confinar-se à realização do Congresso Jocista. Este em si não é um fim mas um meio, ou melhor, deve ser um princípio.

DECISÃO ARROJADA ?

Talvez. Mas não foi levianamente, antes depois de longa reflexão que os Conselhos Gerais da J. O. C./J. O. C. F. tomaram a decisão desta

iniciativa que parecera a muitos arrojada mas que se tornava necessária. Concluiu-se que a J. O. C. e a J. O. C. F. poderiam encarar o Congresso com fé e confiança, embora se tornasse indispensável mobilizar moral, espiritual e tècnicamente todas as forças vivas do Movimento.

Rigorosamente o Congresso não se realiza porque a J. O. C. celebra o seu XX Aniversário.

Qualquer data ,por marcante que seja, não modifica nem exige a realização de tão solene comemoração.

O que o impõe são as exigências do momento histórico da vida da J. O. C., são os interesses da juventude trabalhadora. Mas irá o Congresso resolver os problemas que a afligem, irá ele dar satisfação às prementes necessidades morais, religiosas e sociais da juventude?

Não vai nem pode. Seria ingenuidade supô-lo. E no entanto isto em nada contradiz a afirmação de que o Congresso é necessário, de que vai ser útil.

Problemas tão complexos como aqueles que se põem à juventude trabalhadora não podem ser resolvidos apenas pela interferência dos jovens trabalhadores. Depende de muitos factores e principalmente da colaboração da Igreja, entidades oficais e patronais, a solução desses problemas.

REALIDADES SOCIAIS

É deveras lamentável que a J. O. C. — não obstante ser para a Juventude trabalhadora uma escola admirável e um valioso meio da sua desproletarização — seja ainda desconhecida na sua profundidade pela grande massa da juventude trabalhadora a quem se destina fundamentalmente.

Não se compreende mesmo como, procurando a J. O. C. levar a viver e a realizar a doutrina e os ensinamentos sociais da Igreja, não encontre em muitos casos o apoio, o carinho e a compreensão que merece.

E como explicar o triste facto de o fenómeno jocista ser ainda ignorado de muitos responsáveis sociais?

A J. O. C. com a sua pedagogia e método bem merece ser meditada por todos aqueles sobre os quais pesam responsabilidades sociais não só pela revolução que a J. O. C. trouxe ao mundo do trabalho mas também pelo muito que pode fazer pela educação e desproletarização da juventude trabalhadora.

Como se justifica que baseando-se o jocismo na mais pura e verda-

deira concepção do homem, do trabalho e da vida, ele não tenha penetrado ainda no seio da juventude trablhadora e conquistado entre ela um lugar de primazia?

Problemas há que estão fora da esfera de acção e competência da J. O. C. e cuja resolução, depende, além de outras, da intervenção das organizações sindicais, a quem em Portugal é reconhecido, para todos os efeitos legais, o direito de representar os trabalhadores, quer perante o Estado, quer junto das organizações patronais.

A J. O. C., aliás, porque não é um Sindicato, não pode ter a pretensão de exercer as funções atribuídas por lei àqueles.

Cabe-lhe, sim, denunciar a situação real da juventude trabalhadora, reinvindicar para ela condições humanas de vida, formar um laicado de jovens trabalhadores capaz de recristianizar a massa e os meios de vida da juventude de trabalho, orientar e preparar os jovens trabalhadores para a sua missão de futuros dirigentes operários e chefes de família, levar a todos eles o conhecimento da sua dignidade de Filhos de Deus a sua vocação Cristã e operária.

O COMUNISMO—UM PERIGO

E o que é mais doloroso é verificar como as doutrinas comunistas vão penetrando já na mentalidade dos jovens trabalhadores, fascinando-os e vencendo-os. Não queremos discutir as causas do estranho facto mas é certo que os comunistas, talvez explorando as fraquezas dos cristãos penetram em todo o lado e em todos os lugares, não distinguindo operários de patrões, ignorantes de intelectuais. Aqui lobos, acolá cordeiros, conforme convém ao fim em vista, eles avançam e há lá quem os receba de braços abertos como se os comunistas trouxessem em si o segredo da felicidade, da justiça e do bem estar da humanidade.

Nas grandes reuniões e manifestações internacionais, nos parlamentos, nos governos, nos meios de trabalho, nos mais humildes lares operários, o comunismo de mãos dadas com o materialismo penetrou e infiltrou-se de tal modo poderoso e influente que a actividade humana reflecte já e bem a ideologia comunista, seja na arte ou na ciência, na política, no trabalho, na filosofia ou na moral.

E sobre o mundo cairá a maior desgraça se a classe operária não

for salva pela aplicação integral da doutrina social da Igreja.

Tarefa tão importante e decisiva, até para o futuro da civilização e da própria humanidade, não poderá realizar-se se aos verdadeiros interesses da comunidade operária se sobrepuserem quaisquer outros que não sejam aqueles reclamados pela razão e pela justiça.

Caso contrário, mais tarde ou mais cedo, com maior ou menor soma de esforços, o comunismo tomará conta dela, não para a salvar como se propõe, mas para a escravizar.

O CONGRESSO E A J. O. C.

É evidente que não cabe à J. O. C. lançar a ofensiva cristã em toda a sua extensão; tal tarefa está entregue a todo o Corpo Místico de Cristo, ao Exército da Igreja, mas cabe-lhe sim, no conjunto das forças activas da Igreja, e em fiel submissão à hierarquia, assumir as suas pesadas responsabilidades actuais.

Impõe-se para isso que a J. O. C. passe a viver menos fechada sobre si mesma, mais confiante na acção exterior indispensável ao seu prestígio e aceitação.

Não estão ao serviço da J. O. C. o querer, a vontade e o espírito de sacrifício de milhares de jovens trabalhadores numa luta de libertação total, da dignificação do homem, do trabalho e da vida?

Serão eles que vão permitir que o Congresso Jocista:

— constitua uma expressão sincera e verdadeira da resolução espiritual e social que a J. O. C. realiza dia e noite no mundo inteiro;

— mostre particularmente à juventude trabalhadora a ajuda que a J. O. C. quer e pode dar aos problemas que a afligem e à classe operária;

— mostre a toda a juventude trabalhadora que só a J. O. C. poderá responder com o seu ideal às maiores aspirações e aos seus mais veementes anseios: uma sede infinita de vida espiritual, de verdade e de justiça social;

— constitua uma manifestação pública e colectiva de fé e ideal jocistas.

Pretende-se, finalmente, que o Congresso Jocista, através de um choque psicológico, revele a todos os jovens trabalhadores jocistas, aos sacerdotes, às entidades oficiais, às instituições sociais, a todos os respon-

sáveis, a todos os corações e lares operários o valor e a grandeza deste extraordinário Movimento de jovens trabalhadores que é a J. O. C..

Não serão capazes 20.000 jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras de proclamar pùblicamente a sua fé, o seu entusiasmo, a sua alegria, a sua pureza, os seus anseios, as suas aspirações, a sua vontade, em resumo, o seu ideal de vida?

Não serão eles capazes, jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras, de espalhar uma mensagem de amor, de caridade e de esperança, e de lançar um grito de libertação que chegue a todos os cantos, desperte e arrebate toda essa pobre e abandonada juventude trabalhadora?

Não serão eles capazes de proclamar a grandeza da sua missão, valor e destino?

Não serão capazes 20.000 jovens trabalhadores de semearem em volta de si, nos seus lares, nas fábricas, nas oficinas e nos escritórios, na sua rua e no bairro em que habitam, sentimentos de amor, de respeito, de pudor e de honestidade?

Não serão capazes 20.000 rapazes e raparigas de acordar a juventude de Portugal para uma vida mais cristã e para um ideal mais nobre?

Eis o que pretendemos com o Congresso Jocista.

A VITÓRIA - A NOSSA META

Sabemos que a missão é dura e espinhosa, ingrata e árdua a tarefa, mas confiamos plenamente na J. O. C., nos jocistas do ano do XX Aniversário, em todos os assistentes, em todos os homens de boa vontade, em todos aqueles que pelas suas responsabilidades nos devem ajudar e no final cantar connosco um hino de alegria, porque o triunfo não será só nosso, mas da Acção Católica e da Igreja.

Finalmente, e acima de tudo confiamos em Deus, cuja glória procuramos nas luzes e na força do Espírito Santo, que foi prometido aos apóstolos e com esta confiança vamos para o Congresso, seguros de que por eles mais uma vitória conquistaremos para Cristo e para a Igreja.

O programa do Congresso constará, essencialmente:

— De uma «Semana de Estudos», que se realizará em Lisboa, para

o escol do Movimento Jocista, na qual se estudarão diversos aspectos do Movimento e os problemas da juventude trabalhadora do nosso país.

Nesta «Semana de Estudos» serão tratados quatro temas:

— A juventude trabalhadora e a família;
— A juventude trabalhadora e a vida profissional;
— A juventude trabalhadora e as horas livres;
— A J. O. C. e a juventude trabalhadora.

— De uma Peregrinação Nacional a Fátima da juventude trabalhadora.
A Cova da Iria irá a J. O. C. agradecer a Nossa Senhora de Fátima todos os benefícios e pedir uma J. O. C. autêntica, a libertação da juventude trabalhadora, a recristianização dos lares operários, o reinado da justiça social e a união dos jovens trabalhadores de todo o Mundo. Nesta Peregrinação tomarão parte filiados, simpatizantes e todos os jovens trabalhadores que a nós se queiram associar.

O SIGNIFICADO RELIGIOSO DA MÚSICA DE BEETHOVEN

Na profundidade ontológica da criatura encontra-se a beleza, participação escondida do Ser que é a própria Beleza subsistente. A missão do artista é provocar como que a *epifania,* o esplendor dessa beleza velada, percorrendo o processo artístico um dos vínculos misteriosos que em cada momento unem a criatura ao seu Criador. O artista tem assim uma actividade de alto significado religioso.

Para além deste vínculo metafísico que une toda a obra de arte a Deus, alguns artistas procuram nela manifestar consciente e voluntàriamente Deus e as suas relações com Ele. Tal acontece não só com aqueles que fazem obra directamente destinada ao culto litúrgico, mas também com os que exteriorizam em objectos artísticos a sua gratidão, o seu arrependimento, a sua adoração do Ser Supremo. É esta manifestação deliberada de Deus que vamos procurar encontrar na música de Beethoven.

Qual a mentalidade religiosa de Beethoven? Qual a sua formação filosófica, social e política? Qual a sua personalidade intelectual e afectiva? Como viveu na música a religião que professava? Os limites apertados de um artigo de revista nada mais permitem além de um esquema biográfico, psicológico e musical.

É sempre difícil delimitar o que é constituição psicológica do homem e o que é resultado das influências que sobre ele se exercem. A personalidade psicológica de Beethoven é bem condicionada pelas correntes filosóficas e religiosas com que contactou, pelas experiências interiores e exteriores que sofreu.

Caracterizava a personalidade de Beethoven uma grande profundidade de vida interior e daí resultava forte consciência do seu valor e seguro conhecimento do que queria. A sua vontade era poderosa e dominadora. Socialmente não era aquele misantropo tantas vezes descrito; pelo contrário, revelava vincada tendência para o convívio social, ainda que a surdez não tivesse permitido o desenvolvimento normal desta

tendência. A sensibilidade era muito apurada e vivia intensamente cada minuto de vida; desejava carinho e compreensão e era incompreendido mesmo pelos íntimos; dotado de forte sentimento de paternidade, não encontrou contudo possibilidades de constituir família. Tais são as notas que nos parecem caracterizar melhor a personalidade de Beethoven.

Vejamos as correntes filosóficas, político-sociais e religiosas que nela influiram.

Desde muito cedo entrou em contacto com as ideias mais avançadas do pensamento do fim do século XVIII. Aos catorze anos, em Bonn, sua terra natal, vira subir ao poder o Arcebispo-Príncipe Maximiliano Francisco, irmão mais novo de José II da Áustria, célebre pelo *Josefismo*. O nobre eclesiástico, em esforço generoso mas não isento de perigos, procurava aproximar o pensamento católico do pensamento mais representativo da Alemanha de então.

O governo de Bonn era mesmo considerado «o mais *aufklartesco* da Alemanha». O *aufklarung* baseava-se nas ideias de Kant e discípulos. Caracterizava-se por uma exagerada confiança no homem e nas suas faculdades, mormente na razão e na vontade; tudo esperava da razão, até a felicidade na terra, quando a razão dominasse polìticamente; a ética deste movimento era muito rigorosa baseada sobretudo na *Crítica da Razão prática* e portanto no conceito kantiano de *imperativo categórico*.

Com o *aufklarung* entrou Beethoven em contacto desde a adolescência e cedo se deixou entusiasmar por esta exaltação do homem.

As doutrinas liberais francesas, informadoras da Revolução, tinham muito de semelhante com o *aufklarung* germânico. Em 1792, em Viena, Beethoven entrou em contacto com as ideias revolucionárias e torna-se, pelo menos segundo a grande maioria dos autores, um republicano platónico mas entusiasta. Este platonismo, pelo contrário, não se verifica no campo social em que Beethoven foi muito activo. A classe dos artistas procurava libertar-se do jugo servil a que a submetia um aristocracismo diletante e fútil. Os músicos comiam, até aí, nas mesas dos criados e dependiam econòmicamente do beneplácito dos nobres. Quer a formação, quer o carácter de Beethoven determinaram que fosse ele o primeiro artista, pelo menos na música, a lutar e a conseguir a independência social e económica. São bem conhecidas as atitudes do artista, mesmo contra os seus protectores, membros da mais alta aristocracia.

Os clássicos gregos, nomeadamente Platão e Homero, eram bem conhecidos, de Beethoven. Também exerceram curiosa influência sobre ele as religiões orientais, nomeadamente a hindu.

O núcleo da vida religiosa e moral do grande músico foi, sem dúvida alguma, o cristianismo. O próprio Romain Rolland o reconhece. (1) As sociedades de Bonn e Viena eram oficialmente católicas e as Cortes das duas cidades exigiam o catolicismo em quem as frequentava. Em Bonn, Beethoven chegou a ser músico do Palácio do Arcebispo-Príncipe e foi também organista na Catedral. Em Viena teve como discípulo o irmão do Imperador, Arquiduque Rodolfo, mais tarde Cardeal e Arcebispo de Olmutz, ao qual dedicou muitas das suas obras e a quem muito ficou a dever. Embora a educação religiosa na família durante a sua meninice deva ter sido muito descuidada — o pai queria fazer dele um outro menino-prodígio como Mozart, e por isso obrigou o filho a exagerada e antipedagógica educação musical, — o ambiente que o rodeava deve ter exercido influência benéfica no músico. (2)

São sinais e garantias do seu cristianismo a emoção manifestada ao abordar os textos litúrgicos, sobretudo quando se preparava para os musicar; o respeito pelo sagrado que levava Beethoven a declarar a religião fora de toda a disputa; a apurada consciência moral que se manifestava, por exemplo, na fuga deliberada e violenta da sensualidade; (3) a reacção religiosa perante o sofrimento de que dentro em breve falaremos. Certo é que nem sempre Beethoven foi muito exigente consigo mesmo quanto à prática religiosa. Causas de negligência podemos encontrá-las na descuidada educação religiosa familiar, no formalismo das sociedades de então, e mesmo talvez num anticlericalismo latente nas pessoas que rodearam o músico. Contudo o programa de estudos do seu sobrinho Karl incluia a religião. Por graça de Deus, Beethoven, à hora da morte, recebeu os Sacramentos da Igreja.

---

(1) R. Rolland — *Beethoven: en grandes époques créatices: Le chant de la Résurrection.* Ed. du Sablier, pág. 360.

(2) Como era costume na católica Baviera, Beethoven deve ter sido baptizado no dia seguinte ao do seu nascimento. Aliás a data do baptismo é a única conhecida.

(3) Beethoven, por exemplo, não perdoava a Mozart o ter musicado a vida de *D. Juan.*

É costume dividir a obra musical de Beethoven em três períodos. Esta divisão, embora se não possa admitir de maneira absoluta, pois sendo o homem uno, una será também a sua obra, é pelo menos pedagògicamente útil. Mais, parece-nos sòlidamente fundada na criação musical e biografias beethovenianas.

O primeiro período que vai até ao op. 53, exclusivé, a sonata Waldstein também chamada *Aurora,* publicada em 1804, destingue-se pelas influências de Haydn e Mozart que nele se descobrem. O segundo e terceiro períodos são os mais pessoais do compositor. As obras que os constituem são bem características e não é difícil, mesmo a ouvidos pouco experimentados, atribuir-lhes a autêntica origem. Por isso só destes períodos agora falaremos.

O que torna tão pessoal a obra de Beethoven é a maneira como o homem está nela presente. Nalguns autores predomina mais a inteligência, noutros a sensibilidade. Na criação de Beethoven, mormente nas obras do 2.º e 3.º períodos encontra-se presente o homem todo. As aspirações, os problemas individuais e colectivos; a paixão, o heroísmo, o entusiasmo, a alegria, a confiança, a luta contra os poderes adversos interiores e exteriores, tudo ali aparece vivido intensa e pessoalmente.

No entanto esta presença humana apresenta cambiantes que permitem distinguir o segundo do terceiro período. E aquilo que fundamentalmente determina esta distinção resume-se numa *purificação pelo sofrimento.* Nas obras do segundo período, os sentimentos, a alegria, a dor, o triunfo, o desespero, são transmitidos como que sem reflexão, sem síntese nem referência a um luz mais alta. Ao contrário, nas obras do terceiro período, os sentimentos, as alegrias, as dores, o triunfo, tomam uma outra claridade e nelas nunca se encontra o desespero, o sofrimento, o isolamento, a oração confiante explicam as diferenças verificadas.

Nos anos de 1809-1818 todas as desgraças desabaram sobre o artista.

Em 1809 Viena é cercada e tomada pelas tropas de Napoleão. As consequências económicas do cerco e da conquista são desastrosas para os vienenses em geral, para Beethoven em particular. A Corte sai da cidade e com ela os protectores e amigos poderosos do músico. Os recursos económicos deste são mínimos. Cioso da sua independência, ganha como que um complexo de avareza que o arrasta a atitudes desequilibradas na administração da sua casa, nas exigências aos antigos protec-

tores, alguns agora também na miséria. Nem a glória que lhe trouxe o Congresso de Viena, em que Beethoven *foi incensado pelos grandes senhores da Europa* conseguiu restabelecer a independência e equilíbrio económicos do artista.

Tendo falecido um dos irmãos, Beethoven, sem família, quiz fazer do sobrinho Karl o objecto da sua afectividade paternal. Além dos desgostos que Karl cedo provocou, teve Beethoven de sustentar luta encarniçada nos tribunais para arrancar o sobrinho à mãe, indigna de o educar. As consequências da luta na psicologia de Beethoven foram terríveis.

A doença que em Março de 1827 o devia levar à morte, assalta-o. Os médicos ignoram a origem certa dos seus males. Uns dizem ser os pulmões os órgãos afectados, outros falam de hidropisia. Entretanto o músico vai sofrendo horrìvelmente. A surdez que desde 1800 se fazia sentir, torna-se completa e Beethoven nunca mais ouve nenhuma das suas composições nem pode ter convívio normal com os homens. (1)

Sobre tudo isto caem desgostos amorosos. Três vezes quis constituir lar; três vezes foi abandonado pelas mulheres a quem se queria unir.

Em 1817 a situação é de tal sorte desesperada que o artista quase se decide ao suicídio. Nem a sua forte personalidade, nem sobretudo a sua confiança em Deus consentiram na tentação cobarde. Beethoven volta-se para Deus e passa Ele a ser luz que ilumina os anos que se seguem.

A evolução religiosa de Beethoven é descrita por todos os críticos, mesmo pelo insuspeito Romain Rolland. As cartas, as suas meditações pessoais, dão claro testemunho da sua confiança em Deus. Citemos estes textos tão significativos que pertencem aos anos mais graves da crise:

«Deus! Deus! meu apoio, meu rochedo, meu tudo! Vês o meu coração, sabes quanto me faz mal fazer sofrer alguém por causa do meu querido Karl. (2) Escuta Eterno, Inexprimível, escuta-me, o infeliz, o mais infeliz de todos os mortais!».

«Suporta, aceita, aceita... Assim, mesmo na pior miséria, tornamo-nos dignos de que Deus nos perdoe as nossas faltas!».

«Quero pacientemente submeter-me a todas as vicissitudes e colocar

---

(1) A surdez explica também em grande parte a interioridade, a pobreza dos meios expressivos, e riqueza de expressão que caracterizam as obras do terceiro período. Mais uma vez escreveu Deus direito por linhas tortas.

(2) Refere-se à luta com a cunhada.

a minha inteira confiança ùnicamente na tua inamomível bondade, ó Deus! Minha alma tem de se alegrar de ser tua. Sê o meu rochedo, ó Deus, sê a minha luz, sê eternamente a minha segurança (1) ».

Sigamos o que diz Romain Rolland no texto que já citámos: A figura de Nosso Senhor Jesus Cristo é o centro dos pensamentos e das orações de Beethoven. É certo que d'Ele nunca fala como também nunca falou da misteriosa *bem-amada* que foi contudo o objecto da sua mais profunda paixão amorosa. «À medida que estava mais só, viúvo de amizades e de amores... Deus enchia nele todo o espaço...» (2)

Podemos pois afirmar que a luz a que se faz a síntese das experiências passadas é a confiança em Deus e é Ele que clarifica toda a obra beethoveniana posterior.

Vencida a crise quer Beethoven comunicar aos homens o sofrimento passado e o triunfo conseguido sobre ele: é a mensagem da *Missa Solemnis* que compõe para o Arquiduque Rudolfo, agora eleito Arcebispo. A Missa é de tal sorte pessoal que nunca foi nem será jamais empregada em ofícios litúrgicos. Fruto da maior gratidão, nela quer Beethoven acordar *sentimentos religiosos e torná-los perduráveis quer nos cantores quer nos auditores. (3)*

Na obra que marca o início do terceiro período, a Sonata para piano op. 106, *Hammer klavier,* verdadeiramente *o canto da ressurreição,* surge-nos um *adágio,* o melhor trecho de toda a literatura pianística a nosso ver, que é sem dúvida uma das mais profundas contemplações de Deus que a música profana nos oferece. O mesmo se pode dizer da *acção de graças de um convalescente* do quarteto op. 132, cujo sentimento religioso é de tal sorte que uma das personagens do romance «Contraponto» de Aldous Huxley pretende provar a existência de Deus mediante ela. (4)

Muito mais teríamos a dizer sobre a religiosidade das obras do ter-

---

(1) Manuscritos Fisehhoff de 1816 e 1818; caderno de esquemas da sonata op. 106

(2) R. Rolland, obra citada, pág. 364.

(3) Carta a Steicher de 1824. As ideias de Beethoven sobre música religiosa são valioso testemunho do seu critério musical: Na música religiosa nada cabe que não venha do coração. Despreza ele por isso a música religiosa de então que «quase degenerou em música de ópera» . Beethoven julga que nenhum ofício litúrgico, excepto o *Glória* ou outro semelhante comporta acompanhamento orquestral. A música para a Igreja deve ser *a capella.* Eis porque simultâneamente prepara duas *Missas:* Uma *Solemnis* com orquestra, coro e solistas, para a faustosa entronização de um Arcebispo-Príncipe. Outra, para si, em que da orquestra só entram as cordas. Nunca terminou esta.

(4) Para lhe dar ambiente *eclesiástico* escreve-a em modo gregoriano: *tritus.*

ceiro período de Beethoven. O espaço não nos permite Aliás só ouvindo-as, saboreando-as cuidadosa e compreensivamente, pois tais obras exigem muito do auditor, podemos compreender o seu conteúdo religioso.
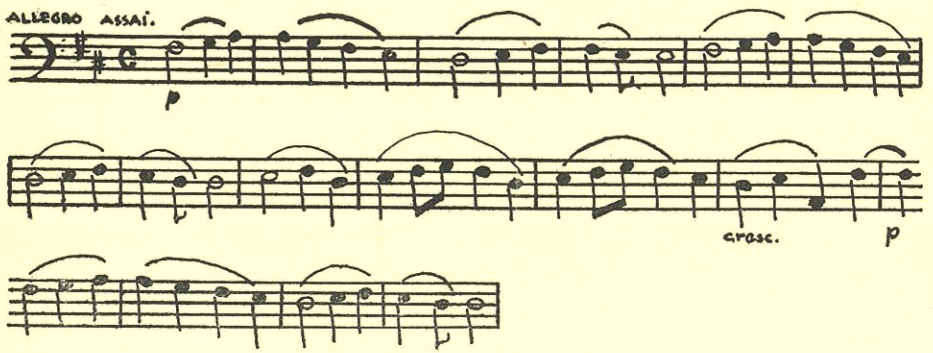
Não queremos porém terminar o artigo sem nos referirmos à nona e última sinfonia de Beethoven: a *Nona* ou a *Coral,* — é com efeito a primeira sinfonia da história da música em que participam vozes, — que nos parece significar o reverso humano da *Missa Solemnis.* Isto é, revela musicalmente as consequências para o homem e para a sociedade, da confiança e da fé em Deus. Nela revê o grande solitário, em 1822, os dramas passados e as soluções que lhe foram surgindo ao espírito, tristeza, ironia sarcástica, introspecção lírica — tal o esquema ideológico dos três primeiros andamentos. No último, Beethoven precede os versos da «Ode à Alegria» de Schiller que vai musicar, por uma frase sua em que repudia a tristeza, a ironia, a introspecção:

«Ó amigos! Não mais estes sons...»

E o músico encontra no convívio fraterno dos homens o *som* que espera:

«Alegria, bela cintilação dos deuses, filha do Eliseu, penetramos, ardentes de embriaguês, no teu santuário, ó celeste! Os teus encantos unem de novo o que o efémero rigorosamente dividiu, todos os homens se tornam irmãos, por onde voa a tua doce asa».

A melodia em que o barítono canta estes versos já não mais traduz a tristeza, nem a orgulhosa alegria de muitas obras anteriores, mas uma alegria profunda, simples, calma e esclarecida por luz mais alta:



Como pode o músico, surdo, só e doente encontrar satisfação na alegre fraternidade humana? A resposta encontramo-la compassos adiante,

num *andante* de majestosa religiosidade. Os magníficos versos de Schiller tomam na música a grandeza da confiança que Beethoven deposita em Deus:

«Abraçai-vos, milhões de seres! Um beijo, ao mundo inteiro! Irmãos, acima da abóboda estrelada tem de habitar um Pai! Prostrai-vos, milhões de seres! Mundo, pressentes o Criador? Procura-o acima das estrelas, aí onde Ele mora».

Chegados ao fim do artigo verificamos que nem o esquema prometido conseguimos atingir. Acreditamos porém que o trabalho não será inútil se nos ajudar a compreender melhor quanto esforço é necessário para nos nivelarmos com qualquer obra de arte e assim dela extrairmos a mensagem que nos quer dar; não será inútil se por ele compreendermos melhor a personalidade de Beethoven, cristão verdadeiro, condicionado embora pela maneira de ser e de exprimir do seu tempo; não será inútil se nos permitir agradecer mais perfeitamnte a Deus o grande dom da Arte, por meio do qual para além do deleite estético, desinteressado e nobre, nos podemos unir melhor a Ele e nEle às gerações passadas desta humanidade redimida pelo sangue de Cristo.

MIGUEL PONCES DE CARVALHO

O PROFETA JEREMIAS

Evocar Jeremias será, para o vulgo pouco habituado a penetrar nas excelsas riquezas da Bíblia, talvez lembrar um nome um pouco estranho, ou, quando muito, trazer à ideia um homem mais ou menos lendário, que passou a vida a lastimar-se. Para o cristão porém, fará pelo menos recordar os belos ofícios litúrgicos da Semana Santa onde, através das lamentações, a tradição eclesiástica quis reconhecer o som plangente da alma atribulada do Profeta, lastimando amarguradamente as desgraças caídas sobre a sua Pátria. Será ainda, para os mais familiarizados com a Aliança de Deus, pôr diante dos olhos aquela figura que, pelos escárneos e perseguições sofridas da parte dos seus compatriotas, foi uma profecia viva e bem surpreendente da dolorosa Paixão de Cristo.

Todavia ficar por aqui, será desconhecer uma das figuras mais encantadoras e mais humanas da Bíblia, que, nem o tempo nem a maldade dos homens jamais conseguirão apagar.

Sem ir tão longe como Renn ao dizer que «sem este homem extraordinário a história da humanidade teria seguido outro rumo» (1) poder-se-á contudo repetir com o P. Dumeste que «Jeremias teve consciência de possuir uma missão que ultrapassava o quadro do seu tempo e da sua nação e é particularmente interessante ver, no seu caso, através de quais misteriosos caminhos e duros trabalhos, a humanidade veio a tomar posse das grandes verdades religiosas e morais que constituem o seu património espiritual». (2)

Deus, sempre atento ao desenrolar dos seus planos providenciais, escolhe e prepara antecipadamente os homens necessários para cada época da história, de tal modo que a sua missão vem no tempo em que é necessária. Sucedeu isto com todos os seus grandes mensageiros. Jeremias não foi excluído. «A sua vocação foi preparada por uma acção

---

(1) *Histoire du peuple d'Israel* t. III, p. 153.
(2) *Le message du prophète Jérémie,* dans *La Vie Spirituelle,* t. LV p. 39.

remota da Providência: antes do seu nascimento, Deus o havia escolhido: (1)

> Antes de te formar no ventre materno, eu te conheci:
> antes de saíres do seu seio eu te consagrei,
> eu te estabeleci profeta para as Nações. (2)

Jeremias passou a infância e juventude na sua pacífica e risonha aldeia natal — Anatot, situada entre montanhas desertas, refrescadas na base pelas fertilizantes águas do Jordão, distando cerca de hora e meia de caminho da capital — a famosa Jerusalém. Vida pacífica e tranquila, cheia de cenas pitorescas que jamais lhe sairão da lembrança e que se hão-de espalhar nos seus oráculos, festas de aldeia, com suas danças ao som do tamborim; alegrias de noivados, passadas em ambientes caracteristicamente aldeões e rurais; a presença dos animais domésticos, os pomares bem regados, a abundância do trigo, do vinho e do azeite, (3) tudo isto ficará gravado na sua memória para mais tarde lhe proporcionar elementos simbólicos. Servem-lhe até pequenos pormenores, como o monótono e melancólico remoer lento da mó e a pequena lâmpada cuja luz se esvai com a vida. (4) Estes vinte anos de Anatot foram anos de paz: «a palavra «shalom» (paz) que toma em Jeremias ressonâncias nostálgicas, anuncia não só a ausência de guerra — esse flagelo endémico do Oriente que esteve ausente durante a sua juventude, — mas o clima de euforia fraternal e de amizade humana em que lhe foi dado banhar-se». (5)

Contudo foi a esta simplicidade de vida que a voz de Deus o foi arrancar para o plantar entre amarguras e desgostos humanos. A sua resposta exprime bem o seu carácter:

> Ah ah ah Salvé meu Senhor, eis que eu não sei falar;
> porque sou apenas um menino. (6)

---

(1) J. Chaine, *Introduction a la lecture des Prophètes,* p. 108.
(2) Jer. 1/5.
(3) Jer. 31/12-13.
(4) Jer. 25/10.
(5) A. Gélin, *Jérémie,* p. 13.
(6) Jer. 1/6.

Manifestação expontânea do seu coração que põe bem em realce a desproporção entre a sua fraqueza e timidez humanas e a aspereza da sua Missão de atleta de Deus. Humanamente, o destino de Jeremias parecia ser a humilde vida doméstica com todas as suas alegrias pitorescas características. Todavia, terá de sustentar lutas terríveis e realizar a obra de Deus na época mais agitada e mais dolorosa da história Judaica. A sua missão foi para ele um sacrifício continuado, cada vez maior. Possui uma alma terna, e sensível e no entanto terá de constantemente anunciar catástrofes:

> Cada vez que eu falar, devo gritar e proclamar:
> «violência e ruína». (1)

Ama a sua pátria e é tomado por cobarde, por traidor. Desprezado, maltratado, permanece firme como uma muralha de bronze. (2)

Deus porém conhece os que escolhe e constantemente lhes assiste:

> Não digas: «sou um menino»,
> porque tu irás a todos aqueles a qum eu te enviar
> e dirás tudo o que eu te ordenar:
> Sê sem medo diante deles
> porque eu estou contigo para te defender. (3)

Não podia deixar de criar confiança naquela alma tímida, mas nobre e sensível, esta promessa de Deus. Ela será mesmo o princípio duma vida de intimidade entre a soberana bondade divina e a fraqueza do profeta eleito.

Através dos grandes cataclismos que viriam desmantelar o estado Judaico, Jeremias teria sempre presente esta assistência divina, embora por vezes dê a impressão de não contar com ela. «Eu estarei contigo», fórmula bíblica consagrada para exprimir a protecção e bênção do Alto. Deus esteve com Abraão, Moisés e David... Com Jeremias a expressão traduzirá uma experiência mais inefável: a intimidade de Deus com o

---

(1) Jer. 20/8.
(2) J. Chaine, o. cit. p. 108.
(3) Jer. 1/7.

seu servidor». (1) Ela será assim a manifestação duma descida constante de graças a que poderíamos chamar os Dons do Espírito Santo recebidos em superabundância. É a marca do carácter sobrenatural da Missão do Profeta, donde lhe virá ânimo e segurança para começar a transmitir a sua mensagem. Desde o princípio a sua alma sensível se mostra preocupada constantemente no pensamento de Deus, de tal modo que o menor choque a faz vibrar profundamente. «Nos discursos sobre a montanha, os lírios do campo e as avezinhas evocam a Jesus o Pai dos Céus. Para Jeremias, uma árvore do seu pomar ocasiona o exercício da sua fé». (2) Toda a vida do Profeta foi precisamente o exercício constante desta fé, sem a qual lhe seria impossível a fidelidade à vontade de Deus, fidelidade esta tão difícil e duma dureza tão atroz que lhe arranca exclamações amargamente dolorosas. A sua dor será tão forte que o levará a amaldiçoar o dia do seu nascimento em termos que atingem o patético e o trágico. (3) Chegará mesmo ao ponto de resolver não mais pregar porque todos o escarnecem e maltratam. Porém Deus prometera-lhe «eu estarei contigo» e esta presença agindo na sua alma, será mais forte que a sua própria vontade, levando-o à submissão:

> Tu seduziste-me, Ialvé, e eu deixei-me seduzir:
> Tu foste mais forte do que eu e prevaleceste.
> Tornei-me objecto continuado de escárneo,
> todos fazem pouco de mim...
> E eu disse comigo: «não me lembrarei mais dele,
> nem falarei mais em seu nome;
> porém, ateou-se no meu coração como que um fogo devorador
> concentrado nos meus ossos.
> Esforcei-me para o conter
> mas fui impotente para o suportar. (4)

Por mais atroz que fosse o sofrimento do profeta, a fidelidade à palavra de Deus permanece sempre. Ele sente-o bem e exprime-o à

---

(1) A. Gelin, o. cit. p. 21.
(2) Ibid.
(3) Jer. 20/14-18.
(4) Jer. 20/7-9.

maneira duma confidência íntima, onde nos surpreende o à-vontade com que se dirige a Deus, parecendo tratar com Ele como igual para igual e falar como um amigo fala ao seu amigo:

> Quando a tua palavra se me apresentava eu devorava-a;
> e a tua palavra tornou-se para mim uma alegria,
> as delícias do meu coração;
> porque eu sou portador do teu nome,
> Salvé, Deus dos exércitos. (1)

Estas confidências sobre a vida da sua alma, tornam atraente e simpática a pessoa de Jeremias. A sua piedade e a sua vida interior lembram-nos alguns salmistas. Por isso não podiam deixar de exercer grande influência na vida religiosa de Israel.

Paladino da causa de Deus, atormentava-o o artificialismo religioso dos seus contemporâneos. A par da sua delicadeza de alma, encontra-se a cada passo no seu livro, o testemunho do suplício intolerável que à sua emoção causava o espectáculo da apostasia e corrupção geral. Daí não serem estranhas as expressões de ódio e vingança que por vezes usa para com os seus inimigos. (2) A sua causa era a causa de Deus. Se deseja mal e vingança, não é aos seus inimigos pessoais enquanto tais, mas àqueles que se opõem aos direitos soberanos de Deus. Além disso, não haviam ainda iluminado o mundo as exigências da caridade cristã.

Jeremias é realmente uma figura extraordinária que em todos os tempos ocupará um lugar proeminente entre os homens.

A sua maior glória vem-lhe do facto de toda a sua vida, bem como a sua pessoa ser uma das mais límpidas figuras de Cristo. «Chamados um e outro desde o seio materno, ambos se dedicam ao ministério da palavra o que lhes traz a perseguição; combatem o pecado, centralizam a sua acção na Nova Aliança, e empreendem um trabalho de intercessão». (3) Não admira pois que os contemporâneos de Jesus, ao apreciarem a sua inefável pessoa vissem nele o Profeta Jeremias (4) por quem espera-

---

(1) Jer. 15/16; cf. 18/19-23; 20/7-13.
(2) cf. Jer. 18/21-22; 11/20.
(3) cf. A. Gelin, o. cit. p. 183.
(4) Mat. 16/14; Jo. 1/21.

vam. (1) Mas a glória do profeta de Anatot atinge a sua máxima expressão por ele ter predito e preparado, na história do Judaísmo, a economia da Nova Aliança, na qual são chamados a tomar parte todos os que receberam de Deus um outro coração em que a Lei de Deus é posta como fonte de inspiração e impulsão para o bem. Será o tempo da Restauração em que a paz e a Justiça, acompanhadas duma expressão de bênçãos de Deus, hão-de trazer a alegria e a salvação sob o reinado próspero do Messias: (2)

Nações, escutai a palavra de Iavé,
anunciai-a nas ilhas longínquas e dizei!
«Aquele que dispersou Israel o juntará de novo
e guardá-lo-á como um pastor guarda o seu rebanho».
Sim, Iavé resgatou Jacob
e livrou-o da mão dum mais poderoso.
Eis que eles virão e soltarão quilos de alegria nas alturas de Sião;
e correrão para o bem de Iavé
para o trigo, para o vinho e azeite, para os cordeiros e os bois.
A sua alma será semelhante a um pomar bem regado,
e não mais voltarão a murchar.
Então a virgem se alegrará na dança
e novos e velhos conjuntamente.
Eu converterei o seu pranto em gozo;
consolá-los-ei, e fá-los-ei alegres, desfeita o sua mágua.
Proporcionarei aos sacerdotes abundância de gordura
e o meu povo será repleto das minhas bênçãos,
oráculo de Iavé Deus!... (3)

* * *

Muito mais haveria que dizer sobre Jeremias. Que esta pequena tentativa de ajudar a conhecer uma das mais belas páginas da Bíblia não seja em vão. Óptimo seria desenvolver alguns aspectos muito interessantes deste Profeta, como v. g. o tema da «Religião pessoal» nele tão vincadamente marcado.

---

(1) Dent. 18/15.
(2) cf. Hebr. 8/8-12.
(3) Jer. 31/10-14.

Que nesta quadra do ano litúrgico em que a Igreja no-lo relembra através de sempre impressionantes ofícios da Semana Santa, desperte e tome volume em nós o desejo de apreciar cada vez mais esta personalidade jigante entre os maiores de todo o Testamento.

GOMES MARQUES

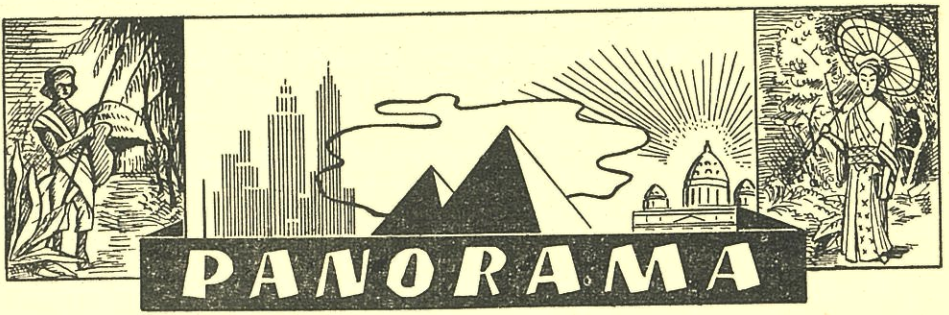
Ó vós todos que passais pelo caminho
olhai e vede
se há dor igual à dor
que me subjuga! *(Lament. 1/12)*

*
* *

Iavé é a minha herança, disse a minha alma;
é por isso que eu espero nele.
Iavé é bom para quem nele confia,
para a alma que o procura
É bom esperar em silêncio
a salvação de Iavé.
É bom para o homem levar o jugo
desde a sua mocidade. *(Ibid 3/24-27)*

*
* *

Examinemos e investiguemos os nossos caminhos
e voltemos para Iavé
Levantemos os corações e as mãos
para Deus, nos Céus. *(Ibid. 3/40-41)*



ACTUALIZAÇÕES DA LITURGIA

Parece ser tendência do nosso tempo acentuar, para a combater, a ruptura existente entre o que se professa e o que se vive. A cada passo se afirma a necessidade de que o Evangelho e a doutrina cristã se integrem totalmente na vida do católico: é o problema da coerência entre a religião e a vida. A par disto, assinala-se correntemente a urgência imperiosa de adaptar às exigências actuais da sociedade tanto a pregação como a própria liturgia, os métodos de apostolado, etc.. E de facto, vai-se tornando consoladora realidade o ressurgimento da vida cristã pela liturgia, não só no estrangeiro como em Portugal.

Ainda, com relativa frequência se acoima de ineficaz a acção da Igreja em bloco. A luz da fé, é impossível sustentar a acusação: a Igreja opera em Cristo e por Cristo na salvação dos homens. Numa visão humana, porém, o ataque parece ter alguma razão de ser.

Diz-se que a liturgia e os seus ritos não falam à sensibilidade moderna e não penetram na vida do homem do século XX.

Disse André Mourois: «O mundo modificou-se mais de 1900 a 1950, do que desde o ano 3000 A. C. até ao século XIX». Se tomada na generalidade, a afirmação é exagerada, ninguém lhe nega a verdade no que toca ao desenvolvimento técnico e científico. Os progressos nos vários sectores do saber humano lançaram na cultura contemporânea profundas alterações, e nas condições de vida total remodelação. A industrialização foi, talvez, o fenómeno que maior sulco deixou e deixará no momento que atravessamos. Perante tal estado de coisas poderá a Igreja ficar indiferente? A liturgia, sendo a expressão comunitária da vida da Igreja, caminho através das coisas visíveis do homem para as realidades invisíveis de Deus, necessàriamente tem de falar ao homem uma linguagem viva que ele possa entender.

A este propósito a revista «*Worship*» (Dez. 1954) insere nas suas páginas um artigo de Gerard Weber, a todos os títulos curioso e oportuno.

A tal transformação trazida pelo industrialismo, terá ecoado suficientemente na Igreja «de modo que o homem que revolve o aço in Gary (fábrica dos E. U.) sinta tanto que a Igreja faz parte da sua vida como o artista francês que trabalha nas gárgulas de Reims ou Notre-Dame?» — pergunta o articulista.

Os ritos sacramentais são de há já muitos séculos e os homens, que lhe lançaram as bases, viveram em remontadas idades. É certo que o espírito vivificante que neles se contém embora antigo, continua sempre novo; sê-lo-á, porém, a forma por que se traduz e comunica?

Sem termos a prentensão de examinar todos os problemas, nem mesmo os mais importantes levantados à Igreja pela revolução industrial, podemos generalizar, tanto quanto possível, o testemunho americano referido. Torna-se manifesto que tais problemas se sen-

tirão mais nos grandes centros industriais urbanos, do que noutros meios. Aqui referimo-nos sobretudo a esses, contrapondo aos rurais. É justo que tanto o homem, cujo labor se exerce no cultivo da terra, como o operário de indústria igualmente, se reconheçam na Igreja como membros do mesmo Corpo. Na realidade, ambos vivem na mesma união mas vê-la-ão traduzida concretamente nos ritos da Igreja? Se estão previstos, na Igreja, dias dedicados ao louvor divino pelas colheitas da terra, como é o caso das Rogações e Têmporas, por que motivo não se há-de fornecer idêntica oportunidade à indústria? Tal como o lavrador rural tem momentos prescritos para falar com Deus, dos seus trabalhos, do seu modo de viver, do que lhe é próprio, o empregado de indústria quer também ser considerado filho da mesma Igreja, e tem pleno direito de falar ao Senhor do que constitui, digamos, a sua especialidade. Se no culto público não se lhe dá tal ensejo, como é que na oração individual ele sentirá essa necessidade? Regista-se o exemplo deveras interessante da Imprensa Católica de Ranchi, na Índia dirigida pelos Jesuítas, que tem conseguido instaurar em moldes cristãos o trabalho. No começo e no fim deste, assinalado pelo toque do «Angelus», os empregados reunem-se e rezam em comum. Em cada dia, um operário representante de cada secção, recebe a Comunhão, pedindo a Deus lhe mande «muitas tiragens» tal como pede o pão do dia a dia...

A este propósito pode pensar-se: nos tempos de seca, por exemplo, há preces públicas e oficiais «ad petendam pluviam», mas nas horas de crise para a imprensa, quem ouve preces públicas para que as máquinas voltem a funcionar?!

Ainda um rápido olhar pelo Ritual na mesma ordem de ideias, provará que a maior parte das suas orações foram inspiradas por necessidades da vida campestre. Há-as, sem dúvida, também para as máquinas tipográficas, caminhos de ferro e outras do género; mas a fábrica, com todo o mundo da indústria que nela vive, não é suficientemente considerada pelas bênçãos e orações do Ritual.

Graças a Deus que a revolução industrial levou a Igreja a permitir, em certas circunstâncias, as missas Vespertinas. Quando os homens se regulavam (e regulam) pelo sol, é claro que a hora mais conveniente da missa seria de manhã cedo. Agora. porém, que assim não sucede pelo menos nos centros de grande indústria e comércio, e ainda porque a vida moderna quase não diminui à medida que a noite avança, facto que provoca o levantar a horas mais tardias, tornam-se absolutamente necessárias as missas respectivas.

Surge ainda outro problema: Como é natural, depois de uma semana de intenso trabalho, só ao domingo o empregado industrial sente a necessidade de se distrair do ambiente normal de vida, sair com a família de casa e até da cidade. Como impedi-lo disso? É absurdo tentá-lo; hoje em dia, o passeio ao domingo, tornou-se corrente e quase obrigatório. A facilidade de transportes condiciona-o. Em virtude disto, poderá a Igreja prender as pessoas na recitação do Terço ou noutra cerimónia religiosa? cremos que nem sempre seria solução adequada. Dizer-lhes que fiquem em casa, numa barulhenta cidade, quando podem dar um passeio pelos arredores! A solução a dar, tem de orientar-se, contando possìvelmente com o passeio. Surge então, por exemplo, a visita a locais de peregrinação, a igrejas — monumentos, onde seja fácil rezar e receber a bênção do Santíssimo, etc... Já não é só o passeio que distrai, é o passeio em que até se reza, não fazendo esquecer o domingo. Entre nós, para as tardes do domingo já estão em organização sessões culturais e de recreio com a participação, t a n t o quanto possível, de membros da paróquia. E como esta outras soluções se hão-de oferecer... O importante é que o contacto da vida moderna, sobretudo industrial, com a Igreja seja encontrado, contribuindo grandemente para o favorecer maior penetração da vida aos ritos e cerimónias litúrgicas.

Eis algumas ideias do articulista americano, que, a nosso ver, também entre nós poderiam ter útil aplicação.

A CARRILHO

UM MONGE CANTA A MARIA

Por uma coincidência celebrou-se no Ano Mariano de 1954 o 9.º centenário da morte (1054) do autor a quem historiadores e liturgistas atribuem o hino mais popular à Mãe de Deus em toda a Cristandade: Herman, Monge de Reichenau.

É pois na primeira metade do século XI que nos aparece o lindo hino *Salve Regina*. Cantaram-no os cruzados na conquista da Terra Santa, cantaram-no os navegadores e descobridores dos novos mundos, cantaram-no as vítimas da Revolução Francesa a caminho do cadafalso e cantam-no hoje os soldados nos campos de batalha.

Foi tema das mais belas composições de Orlando di Lasso, Palestrina, Schubert e outros.

O mosteiro beneditino de Reichenau, situado na ilhota do mesmo nome no lago Constança na Suiça, é um dos mais importantes deste período, tendo sido fundado em 724 por S. Pirmin. A história de Herman em parte lendária, é admirável. Era filho dos condes de Altshausen e, sendo coxo desde a infância, foi entregue ao mosteiro para ser educado. Por sugestão de um superior pede a Nossa Senhora que lhe cure a doença. Reza durante 2 anos. Por fim, numa visão, a Virgem diz-lhe que ouviu as suas orações e que até lhe dá a escolher entre estes dois benefícios: a cura, ou o prestígio da ciência. Herman hesitante escolhe o segundo. E desde esse momento, a sua aplicação ao estudo foi extraordinária. Notabilizou-se em botânica, astronomia e matemáticas; foi músico e poeta. E eis que, sob a inspiração de Maria, compõe a música e letra do lindo hino *Salve Regina*. Mas não ficou por aqui. Os historiadores descobriram ser ele o autor de mais duas populares antífonas à virgem — *Alma Redenptoris e Ave Regina Coelorum*.

De facto o *Salve Regina* é um produto de génio e por isso não nos admiramos que o desejo de descobrir o seu autor tivesse dado origem a muitas lendas. Duas delas têm como figura central S. Bernardo. Mas está provado que o «Doctor Melifluus» não é o seu autor. Existe ainda um manuscrito do século XI que se guarda em Karlsrube em que o referido hino vem transcrito por um monge de Reichenau. Quanto aos outros autores propostos não passam de lendários ou meramente hipotéticos.

A melodia mais conhecida do *Salve Regina* não é a que Herman compôs. O original falsamente chamado tom dórico, conquanto mais severo, é o que reflete melhor a verdadeira atmosfera da Idade Média e o clima espiritual de Reichenau.

Herman viveu e morreu no seu mosteiro, mas o seu túmulo encontra-se no castelo da família em Altshausen. Contudo o nome de Herman permanecerá para sempre ligado a Reichenau e ao hino *Salve Regina*.

Efectuou-se em Abril passado um congresso a que assistiram bispos e abades da Alemanha, Suiça, França e Bélgica para celebrar o centenário da morte do monge que tão bem cantou a Maria. E todos os dias este cântico chega aos ouvidos da Mãe de Deus como súplica dos filhos de Eva desterrados neste vale de lágrimas. Este humilde monge bem merece ser considerado uma das glórias da Cristandade.

Humberto Salvador

UMA «CIDADE DOS RAPAZES» NA ITÁLIA

Quando na última Grande Guerra a Alemanha invadiu a Rússia, o P.e Carloni, florentino, antigo capelão da Força Aérea Italiana em Tobruk, ofereceu-se para o exército do seu país que combatia na fronteira soviética.

Em 1943, na trágica fuga de Stalinegrado através da planície gelada, o P.e Carloni e o seu velho amigo P.e Oreste Cerri, também capelão, confessaram e assistiram algumas centenas de combatentes prostados pela fadiga e pelo frio. Prestes a morrer, os últimos pensamentos destes homens iam angustiada-

mente para a família e para os filhos, abandonados na Itália em guerra. Em tais circunstâncias, os dois sacerdotes propuseram-se fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para assegurar o futuro destes rapazes.

Foi assim que passado tempo, de novo no seu país, o P.e Carloni deu todo o seu entusiasmo à obra que o P.e Cerri já começara.

Deste modo nasceu a «Citta dei Ragazzi».

O seu Corpo Governativo, digamos assim é constituído pelo Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro Geral, Juiz e Advogado todos rapazes da «Cidade». Há, além disso, sete directores encarregados da disciplina, civilidade, instrução, trabalho, desporto, economia e sanidade.

Todos os Sábados à noite, numa Assembleia Geral presidida pelo P.e Carloni, discutem-se os problemas da semana, fazem-se sugestões e adoptam-se planos.

A «Cidade, tem uma unidade monetária própria — o «mérito» —, um «Banco», e os cidadãos possuem livros de cheques. O «mérito», que tem as mesmas dimensões que as «10-lire» italianas pode ser trocado em liras no «Banco». Este, dá um juro anual de 3%, isto é, mais do que qualquer dos nossos.

Nos casos legais de contenda, cada parte deve depositar 20 «meriti». O depósito da que perder passa a fazer parte do tesouro comum. O principal dever do advogado é intervir em favor deste último, obtendo uma revisão do processo.

Nesta pequena urbe há ainda um restaurante, um armazém geral, uma associação desportiva, uma enfermaria e serviço de polícia.

Como em qualquer país, fazem-se intensas campanhas para a anual eleição do Presidente. Entre os seus principais deveres conta-se o de receber os visitantes e levá-los com o cerimonial estabelecido até à presença do Padre a quem substitui em caso de ausência.

O desempenho de todos estes cargos, desenvolve nos rapazes um alto sentido de responsabilidade, e simultâneamente contribui para lhes dar uma sólida formação que os torne aptos para a vida e para bem desempenhar a missão a que forem chamados pela vontade de Deus.

João S. Dinis

A IGREJA E O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

O Congresso Eucarístico Internacional de 1951 que a Espanha organizou com brilho foi sobremaneira eloquente nos frutos. O Arcebispo-bispo de Barcelona entendeu por bem eternizar a sua memória em uma realização de interesse social: a construção de casas económicas.

Em pastoral de Novembro de 1951, o prelado da diocese propunha a criação de um forte capital pelo somatório de cotações voluntárias de 100.000 pesetas em ordem à edificação de grandes blocos de moradias. A sociedade teria evidentemente fins lucrativos embora eliminasse todo o motivo de ganância. O seu objectivo seria, não dar moradias, mas facilitar o acesso à sua propriedade. Tornar-se-iam beneficiárias as pessoas que, em vista a disfrutar as casas a título de arrendamento ou amortização, realizassem regularmente as cotizações prefixadas.

A ideia recolheu os melhores aplausos e bem cedo entrou em vias de execução. Adquiridos os primeiros milhares de metros quadrados de terreno e o direito de opção sobre outros tantos, deu-se livre curso ao projecto de 500 moradias repartidas em quatro blocos. As obras começaram no primeiro aniversário do Congresso, e em Junho transacto procedia-se à inauguração de 187, sob os olhares auspiciosos das autoridades eclesiásticas e civis. Foram 12.000 os interessados à sua ocupação. A selecção obedeceu, pois, ao critério do «mais necessitado» e à heterogeneidade do bairro circunvizinho. A discriminação de raças ou de classes não teve ali assento!

Na hora que passa, outros blocos de vivendas se erguem nos subúrbios da capital catalã. Os últimos projectos revelam a construção de 2.000 casas e de uma igreja paroquial. O entusiasmo parece não ter limites.

*
* *

Esta campanha representa sem dúvida uma resposta generosa ao apelo do Santo Padre e à pressão nascida do grave problema da habitação. Porque este é supinamente agudo não apenas nos países que sofreram os horrores da guerra, mas também nos que por via daqueles suportaram grandes crises económicas. O Pai Comum de todos nós desde muito cedo vem erguendo a Sua voz para lembrar que a Igreja é Mãe e como tal solidária da desventura temporal que as ambições políticas criam aos seus filhos. Dizia S. S. em 1949: «A Igreja Católica defende firmemente as exigências da justiça social. Entre essas exigências, figura a de procurar ao povo as habitações necessárias. Primeiramente, para os que pensam fundar uma família ou já a estão fundando. Poderá conceber-se necessidade mais urgente? Como é penoso ver que jovens, na idade em que a natureza mais inclina para o matrimónio tenham de esperar anos e anos, só por causa da falta de moradias!»



IMAGENS MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E TODOS OS ARTIGOS PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

Sousa Tavares L.da

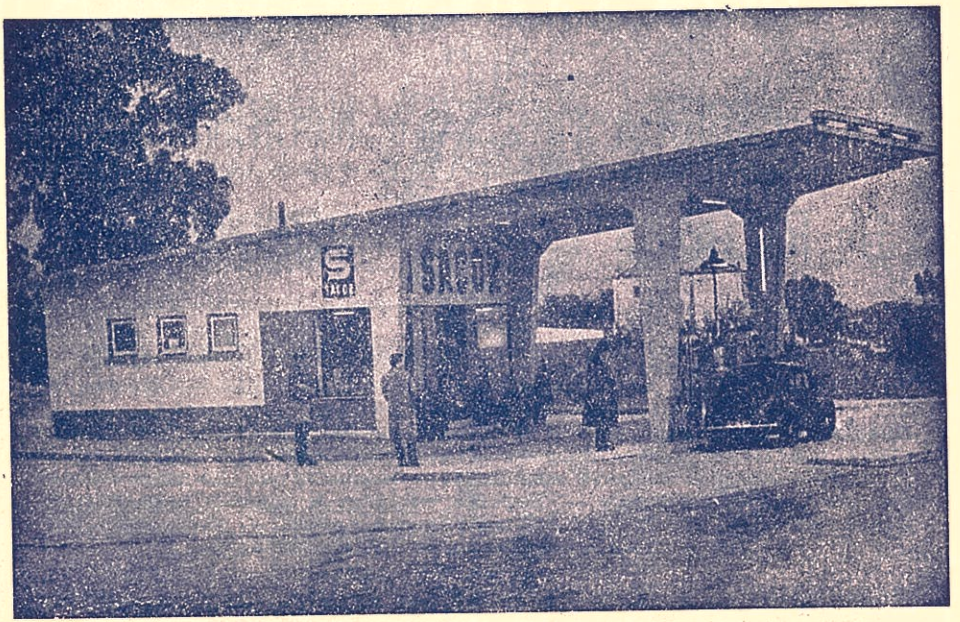
220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 27757

LISBOA

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais — Lâmpadas Suspensões

Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO — ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO — CENTRAL — CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

VENTILAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

A BOA CONSTRUTORA

FÁBRICA NACIONAL DE RELÓGIOS MONUMENTAIS

MARCA REGISTADA — COUSINHA-O MELHOR RELÓGIO — ALMADA-PORTUGAL

MANUEL FRANCISCO COUSINHA & FILHOS

Telefone: Almada 165 — Telegramas: FABRIRELÓGIOS — Almada

R. Capitão Leitão, 179-183 — Almada — Portugal

Relógios mecânicos e eléctricos para torres e edifícios públicos — Relógios-carrilhões que tocam trechos musicais — Relógios fabris com dispositivos de comando — Relógios eléctricos secundários — Máquinas que dão corda automática aos relógios mecânicos — Teclados eléctricos e manuais para sinos — Máquinas sineiras automáticas — Sinos afinados e avulso — Mostradores, sirenes, pára-raios, cata-ventos e Cruzes luminosas.

Dez e quinze anos de garantia — Trinta anos de prática

Premiada com medalha de ouro nas exposições a que tem concorrido

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 — Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradeee desde já a Vossa muito estimada visita

Tecidos pretos R.M.

PR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Lanifícios pretos, meias de algodão lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de Preço

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - BEJA - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura

ARMEIS & MORENO, LDA.

T.S JOÃO DA PRAÇA, 38

TELEF 28055

LISBOA

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINÁRIO DE
CRISTO-REI / OLIVAIS